

## O Milagre das Castanhas Quentinhas

O outono chegou à aldeia da Colina.

As árvores estavam cheias de folhas amarelas e castanhas.

Quando o vento soprava, as folhas dançavam no ar e caíam no chão, fazendo tapetes de cores bonitas.

O ar cheirava a terra molhada e a lareiras acesas.

Lá ao fundo, tocavam os sinos da escola.

Era hora de mais um dia de brincadeiras e alegria!



Na Escola da Colina, todos estavam animados.

A festa de São Martinho estava a chegar!

Era o dia das fogueiras, das castanhas e da partilha.

Mas... naquele ano, algo estava diferente.

A professora Clara entrou na sala com um sorriso, mas parecia um bocadinho triste.

— Meus queridos — disse ela — o senhor Joaquim está doente.

Ele é o senhor das castanhas, lembram-se? Não tem conseguido trabalhar.

As crianças ficaram muito quietas.

O Tomás foi o primeiro a falar:

— Mas professora, o senhor Joaquim é quem aquece o recreio com o seu carrinho!

A Leonor suspirou:

— Ele é tão simpático... às vezes até nos dá castanhas quando não temos dinheiro.

O Tiago perguntou:

— E agora, quem vai aquecer a escola?

A professora explicou com voz suave:

— O senhor Joaquim trabalha há muitos anos com o seu carrinho e o seu assador.

Mas estão velhinhos e já quase não funcionam.

Ele teve que continuar a trabalhar, mesmo quando chovia, porque precisava muito do seu trabalho.

Mas o corpo cansou-se, e ele ficou doente.

Agora, sem ele, o nosso magusto pode não acontecer, e o senhor Joaquim pode perder o seu trabalho.



O Tomás ergueu a mão:

— Então vamos ajudá-lo!

A professora Clara sorriu:

— Que boa ideia! O São Martinho ajudou o mendigo. Agora podemos nós ajudar o senhor Joaquim.

Logo todos começaram a dar ideias!

— O meu avô tem castanheiros! — disse o Tomás.

— A minha mãe sabe fazer saquinhos de pano! — declarou a Leonor - Podemos pôr as castanhas lá dentro e vendê-las, assim juntamos algum dinheiro!

— O meu pai é bombeiro e sabe fazer fogueiras em segurança! — lembrou o Tiago.

— E o meu pai conserta tudo o que tem rodas, pode arranjar o carrinho do Sr. Joaquim! — contou o Duarte.

A professora bateu palmas:

— Maravilhoso! Vamos fazer o Magusto da partilha e da amizade!



No sábado, de manhã cedo, todos foram para o campo do avô do Tomás.

O chão estava cheio de ouriços e de risadas e todos juntos conseguiram apanhar muitas castanhas!

O avô sorria e dizia:

— Cada castanha apanhada com amor vale por mil moedas!

Voltaram à escola com os cestos cheios e os corações quentinhos.

Na sexta-feira, o pai do Tiago fez a fogueira no recreio.

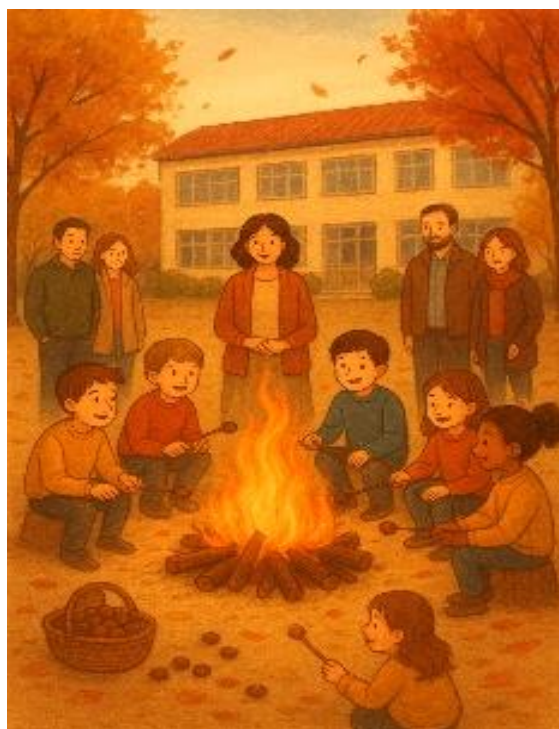
O cheiro a castanhas encheu o ar.

As crianças riam, cantavam e dançavam à volta da fogueira.

Enquanto esperavam, a professora Clara explicou:

— Vamos dividir as castanhas:

umas para nós, outras para vender e ajudar o senhor Joaquim, e outras para oferecer a quem precisa.





Como vamos assar tantas castanhas e levá-las quentinhas às pessoas? - perguntou a Leonor.

O pai do Tiago teve uma ideia:

— O senhor António, o padeiro, pode ajudar!

O forno dele é muito grande!

E assim foi.

Durante toda a semana, o forno da padaria esteve cheio de castanhas.

As castanhas eram assadas e postas em saquinhos de pano, com etiquetas coloridas que diziam:

“Feitas com amor pelos alunos da Escola da Colina.”

Depois, as crianças foram entregar as castanhas.



A Leonor e os amigos foram ao lar de idosos.

— Trouxemos castanhas quentinhas para vos aquecer o coração — disse ela.

Os avós sorriram com emoção.

O Tiago e o seu grupo foram ao quartel dos bombeiros.

— Obrigado por cuidarem de todos nós! — disse ele.

E um bombeiro respondeu:

— Estas são as castanhas mais doces do mundo!

A professora Clara, o Tomás e mais alguns meninos foram visitar a senhora Rosa, que vivia sozinha.

Ela abriu a porta devagar, com o xaile às costas.

— Não esperava visitas... — disse, comovida.

— Viemos trazer-lhe castanhas e companhia — respondeu o Tomás.

E a casa encheu-se de chá quente, conversa e gargalhadas.



A partir daquele dia, todas as quartas-feiras, depois das aulas, um grupo de alunos ia lanchar com a D. Rosa, que logo cedinho começava a preparar os seus famosos doces. Os meninos enchiam a sua casa de vida, alegria e de muito carinho.



Enquanto isso, o pai do Duarte pôs mãos à obra e com a ajuda das crianças, limpou, lixou e pintou o velho carrinho do senhor Joaquim.

Consertaram as rodas e colocaram um novo toldo.

No fim, o carrinho parecia outro — brilhante, forte e pronto para voltar ao trabalho.

Quando tudo ficou pronto, as crianças reuniram-se com a professora.

— Está na hora da visita mais importante, vamos visitar o senhor Joaquim.

Ele estava em casa, ainda fraco, mas com o mesmo olhar bondoso de sempre.

— Trouxemos-lhe uma surpresa! — anunciou a professora Clara.

Entraram e colocaram no quintal o carrinho que parecia novinho.

O senhor Joaquim levou as mãos à boca, sem acreditar.

— O meu carrinho... está como novo, até brilha!

A professora entregou-lhe também um envelope com o dinheiro das vendas.

— Aqui tem, senhor Joaquim. Assim, já pode comprar um novo assador e continuar o seu trabalho.

O velho vendedor comovido disse:

— Meus queridos... vocês deram-me mais do que castanhas. Deram-me esperança, e devolveram-me o meu trabalho.



Algumas semanas depois, lá estava ele de novo, no recreio da escola, com o seu carrinho reluzente.

O fumo subia, o cheiro a castanhas enchia o ar, e o senhor Joaquim sorria feliz.

— Estas sou eu que ofereço! — dizia ele, piscando o olho.





Desde esse outono, na Escola da Colina, o São Martinho passou a ser um tempo de partilha, amizade e castanhas doces, que aquecem os corações de todos.

Porque quem reparte castanhas, reparte alegria.

E quem reparte alegria, acende um lume que nunca se apaga.